

Monstros da mente: *It* e a exploração psicológica no cinema de horror contemporâneo¹

Rosana Cordeiro Parede²
Universidade Anhembi Morumbi - UAM

Resumo

Este artigo examina a evolução do cinema de horror contemporâneo, que utiliza traumas e fobias como gatilhos narrativos para intensificar a experiência do espectador. O estudo compara as adaptações de *It*, de Stephen King (1990 e 2017), analisando a representação dos personagens, suas fobias e estéticas. Fundamentado no *unheimlich* freudiano e na nostalgia como engajamento crítico (Hutcheon), a pesquisa revela que a versão de 2017 adota uma abordagem mais visceral e moderna, explorando medos intrínsecos e espelhando ansiedades atuais. Conclui-se que o horror psicológico enriquece o gênero, transformando o medo em reflexão sobre fragilidades humanas e cicatrizes emocionais, proporcionando uma imersão profunda ao público.

Palavras-chave

Cinema contemporâneo; Horror psicológico; Fobia; Stephen King; *It*;

Introdução

O cinema de horror, entre o fim do século XX e as primeiras décadas do século XXI, tem como característica uma rica mescla de subgêneros e abordagens, refletindo as ansiedades e medos de uma sociedade em constante mudança. Apesar do gênero frequentemente utilizar manifestações por meio de monstros tangíveis e sustos palpáveis, o horror contemporâneo expande suas narrativas para mergulhar em angústias psicológicas, traumas subjetivos e questões sociais intrincadas. Essa evolução não elimina os elementos tradicionais do gênero — criaturas simbólicas, violência visceral e efeitos práticos que auxiliam na construção de sentido ainda são marcas registradas. A diferença está na camada adicional de profundidade: os avanços tecnológicos potencializam o impacto visual, mas também servem para materializar medos mais abstratos, como a fragilidade da mente humana ou crises coletivas. O horror, assim, não perde sua raiz, mas se adapta para ecoar os tempos atuais.

Um aspecto marcante que proporcionou o início desse estudo é a exploração de questões emocionais e psicológicas, que ressoam profundamente com o espectador. Com a popularização de discussões sobre saúde mental e o aumento da conscientização sobre

¹ Trabalho apresentado no GP Cinema do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação, professora dos Cursos de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi – UAM. E-mail: roparede@gmail.com

transtornos emocionais, o público passou a reconhecer e se identificar com as representações de medos e traumas apresentados nas narrativas audiovisuais. A divulgação de experiências pessoais e estudos científicos sobre ansiedade, depressão, fobias e outros transtornos emocionais, amplificada pelas redes sociais e pela mídia, contribuiu para maior compreensão e empatia em relação a essas questões. Esse reconhecimento, por parte do espectador, pode modificar a forma como o medo é explorado no cinema de horror, tornando-o mais pessoal e impactante.

Desde o final do século passado e nas primeiras décadas deste, uma diversificação nas narrativas e abordagens do medo tem sido observada, impulsionada por avanços tecnológicos, mudanças socioculturais e a exploração de novas fronteiras do medo. Em sua dinâmica evolutiva, o gênero frequentemente espelha e investiga as ansiedades e angústias de uma sociedade em perpétua mutação, visando estabelecer uma conexão com os temores e inquietações do indivíduo contemporâneo, assim como com a complexidade da existência moderna. Nesse cenário, a tecnologia, a globalização e a instabilidade política fomentam um ambiente de incerteza, gerando uma ansiedade que o cinema de horror explora e intensifica.

Um exemplo notável dessa exploração da psique humana é a série *Stranger Things*, que se passa na década de 1980 e acompanha um grupo de amigos que enfrenta eventos sobrenaturais em sua cidade natal. A temporada quatro se destaca pela forma como o monstro explora a intimidade de cada personagem, utilizando-o como metáfora para os traumas, medos e inseguranças dos personagens. Diferente dos monstros tradicionais, que se baseiam em força física ou sustos repentinos, Vecna se alimenta dos traumas, medos e inseguranças de suas vítimas. Ele invade suas mentes, revelando seus segredos mais obscuros e explorando suas feridas emocionais. Essa exploração psicológica do medo é um elemento crucial na narrativa da série, criando uma sensação mais intimista e perturbadora.

Essa mudança de abordagem também pode ser observada na forma como o alcoolismo é retratado em alguns filmes de horror. Em *O Iluminado* (1980), o alcoolismo de Jack Torrance é um fator que contribui para sua instabilidade mental e para o terror que se abate sobre sua família. No entanto, o filme não explora o alcoolismo em si, mas sim os efeitos do isolamento de um personagem pressionado pela necessidade de produzir seu trabalho. Já em *Doutor Sono* (2019), o alcoolismo é abordado de forma mais explícita e complexa. O protagonista, Dan Torrance, luta contra o vício e os traumas do passado,

buscando redenção e cura, deixando claro o alcoolismo herdado do pai (Jack Torrance), amplamente citado nessa narrativa. Essa mudança na representação do alcoolismo reflete maior conscientização sobre a doença e seus impactos na vida das pessoas.

É importante destacar que, apesar dessa exploração mais aprofundada da psique humana, o horror contemporâneo não abandona os elementos viscerais que o caracterizam. Sangue e monstros continuam presentes, muitas vezes amplificados pelos avanços tecnológicos na produção cinematográfica. A possibilidade de mudança reside na forma como o medo é explorado, utilizando o reconhecimento de questões emocionais como gatilho (conceito que se popularizou a partir de estratégias de marketing para influenciar a compreensão humana em um plano subliminar) para gerar identificação e intensificar a experiência do horror.

Para fundamentar esta análise o estudo aborda o papel de Stephen King na configuração do gênero do horror, tanto na literatura quanto no cinema. Reconhecido como um dos autores mais adaptados da história, King não apenas popularizou narrativas de terror, mas também as elevou a um patamar de complexidade psicológica, explorando os medos primordiais e as angústias humanas em obras como *O Iluminado* (1980), *Carrie, a estranha* (1976) e *It: uma obra-prima do medo* (1990). Sua capacidade de transitar entre o sobrenatural e o trauma íntimo redefine o horror moderno, influenciando gerações de cineastas e consolidando um legado que transcende as páginas de seus livros.

Nesse contexto, a obra *It* de Stephen King, publicada em 1986, e suas duas adaptações audiovisuais – a minissérie de 1990 e o longa-metragem de 2017 – emergem como um campo fértil para compreender essa transformação. *It* é um clássico do gênero que explora temas como trauma, abuso, amizade e o confronto com os medos mais profundos. A análise comparativa dessas adaptações permite observar as mudanças na representação do medo ao longo de quase três décadas, evidenciando a capacidade do gênero de se adaptar aos novos tempos, mantendo e até ampliando a presença de elementos tradicionais como monstros e sangue. O presente artigo busca, portanto, analisar como o horror contemporâneo tem se transformado, utilizando questões emocionais mais íntimas como gatilhos para o medo, ao mesmo tempo em que aprofunda sua reflexão sobre as fragilidades humanas.

Nesse cenário de evolução, uma nova tendência de exploração do medo se destaca, com filmes que mergulham nas questões mais íntimas dos personagens para amplificar o

horror. Obras como *O Babadook* (2014), *Parasita* (2019), *Corra!* (2017) e *Hereditário* (2018) são exemplos relevantes dessa abordagem. Elas utilizam os traumas, disfunções familiares e desigualdades sociais como alicerces para construir narrativas que não apenas assustam, mas provocam reflexão profunda sobre as fragilidades humanas e as ansiedades coletivas.

A ascensão do horror psicológico contemporâneo está intrinsecamente ligada à exploração de conceitos que transcendem o susto imediato, mergulhando nas camadas mais profundas da psique humana. Dois pilares teóricos são fundamentais para compreender essa dinâmica: o *unheimlich* (o estranho familiar) de Freud e a noção de nostalgia como engajamento crítico com o passado, proposta por Linda Hutcheon.

O conceito de *unheimlich*, conforme abordado por Brigid Cherry e Peter Hutchings, descreve uma sensação de desconforto e ansiedade que surge quando algo familiar se torna perturbadoramente desconhecido. Baseando-se em Freud, Hutchings explica que o "estranho" é, na realidade, "nada de novo ou estranho, mas algo que é familiar e antigo na mente e que se tornou alienado dela apenas através do processo de repressão". Essa dualidade, entre o conhecido e o desconhecido, é o cerne do horror psicológico. No cinema, isso se manifesta na subversão de elementos cotidianos que se transformam em fontes de terror. A figura do palhaço, tradicionalmente associada à alegria, é um exemplo primordial dessa subversão, tornando-se, em *Pennywise*, uma entidade aterrorizante justamente por perverter o familiar. *Pennywise* não apenas se alimenta do medo, mas o manipula, assumindo formas que ressoam profundamente com as experiências e traumas de suas vítimas, personificando o *unheimlich* ao evidenciar medos que deveriam permanecer ocultos.

Paralelamente, a nostalgia, entendida por Linda Hutcheon não apenas como uma saudade afetiva de um passado idealizado, mas como uma forma de "engajamento crítico" com ele, desempenha um papel crucial no horror contemporâneo. No contexto do horror, a nostalgia não se limita a conectar o espectador a referências culturais e estéticas do passado; ela intensifica a experiência emocional ao criar uma camada adicional de identificação e envolvimento. Contudo, essa revisitação do passado é frequentemente subvertida, pois as lembranças passadas podem estar ligadas a traumas, medos ou ansiedades que continuam a ressoar no presente. Assim, a nostalgia no horror funciona como um mecanismo para evocar uma sensação de familiaridade que é, então, perturbada pelo "retorno do reprimido". A adaptação de *It: A Coisa* (2017), ao ambientar sua história

nos anos 1980, evoca um período específico da cultura pop, mas essa nostalgia serve como pano de fundo para a exploração de medos universais como bullying, abandono e perda da inocência, amplificando o impacto emocional das cenas de horror. Esse sentimento nostálgico, ao trazer o passado para o presente como um peso emocional, conecta-se diretamente com a possibilidade de confrontar traumas e medos antes reprimidos.

A Representação do Medo e a Transição Estética em *It*

As duas adaptações de *It* ilustram de forma exemplar a evolução do horror na representação de medos e fobias, oscilando entre a sugestão e a explicitação, e refletindo as sensibilidades de suas respectivas épocas.

A figura central do horror em *It* é Pennywise, o palhaço dançarino. Na minissérie de 1990, Tommy Lee Wallace apresenta um Pennywise com visual colorido e uma face menos assustadora, semelhante aos palhaços de circo, o que permite que sua aparência alegre esconda suas intenções sinistras. Essa abordagem foca na atmosfera sugestiva e na quebra de expectativas, onde o familiar se revela grotesco. Em contraste, a adaptação de 2017, dirigida por Andy Muschietti, adota uma abordagem mais sombria e visceral. Pennywise surge com uma aparência mais macabra e perturbadora, olhos amarelos brilhando na escuridão, e a maquiagem deformada não permite qualquer ilusão de inocência ou segurança. Essa mudança reflete uma crescente associação cultural entre palhaços e terror (coulrofobia), impulsionada por fenômenos como os "palhaços assustadores" de 2016 e o reposicionamento de ícones como Ronald McDonald. A versão de 2017 mergulha diretamente na escuridão, apresentando um personagem que, desde o início, é reconhecido como uma ameaça.

A genialidade de Stephen King reside em associar Pennywise aos medos mais profundos de cada membro do Clube dos Perdedores, transformando o monstro externo em uma projeção dos traumas internos. As adaptações visuais exploram essa dinâmica de diferentes maneiras.

A gagueira de Bill é mais que um traço físico; ela simboliza o trauma reprimido pela morte de seu irmão Georgie. Enquanto a minissérie de 1990 apresenta a gagueira como uma dificuldade, a versão de 2017 intensifica o horror ao fazer Pennywise assumir a forma de Georgie, resgatando uma memória íntima e dolorosa.

O abuso doméstico sofrido por Beverly, primeiramente pelo pai e depois pelo marido, é materializado por Pennywise como sangue e confinamento. Na adaptação de 1990, a violência é sugerida, enquanto a versão de 2017 a intensifica visualmente com cenas de banheiros inundados de sangue, que funcionam como metáforas viscerais da violência de gênero. O sangue, aqui, é um "signo polissêmico", conectando sofrimento físico, despertar sexual e trauma psicológico, e se alinha à tendência do horror contemporâneo de expor vulnerabilidades corporais de forma crua e simbólica. A força e atitude da personagem em 2017 também refletem o contexto de empoderamento feminino e discussões de gênero.

A hipocondria de Eddie, cultivada por sua mãe superprotetora, é o cerne de sua fobia, que Pennywise materializa na figura do homem com hanseníase. A relação entre sua asma e a dependência materna é um exemplo do *unheimlich*, onde "o cotidiano (remédios, cuidados maternos) torna-se fonte de horror". Enquanto a minissérie de 1990 simplifica essa relação ao omitir a aparência física da mãe e a presença da esposa, a adaptação de 2017 e 2019 aprofunda essa dinâmica, com a mãe de Eddie sendo apresentada como uma figura dominadora e fisicamente imponente, e sua esposa Myra ecoando as características da mãe, perpetuando o ciclo de dependência. Isso ilustra como o horror contemporâneo utiliza traumas infantis para gerar respostas emocionais intensas e identificáveis.

A obesidade de Ben e o bullying que sofre por conta de seu peso transformam seu corpo em um território de insegurança e solidão. Pennywise explora essa fobia ao manifestar-se como o "monstro sem rosto" na biblioteca, espaço que deveria ser de refúgio para Ben. A versão de 2017, ao reconstruir fielmente a cena da biblioteca, amplifica o trauma físico e psicológico, expondo vulnerabilidades corporais de forma crua. A narrativa também demonstra como o gênero utiliza fobias íntimas, como a rejeição social e a dismorfia corporal, para gerar identificação e horror.

O trauma racial de Mike, simbolizado pelo incêndio do Black Spot no livro, é adaptado em 2017 para a morte de seus pais em um incêndio criminoso doméstico. Essa alteração no filme estabelece uma conexão emocional imediata com o espectador, ao mesmo tempo em que aborda as questões de violência racial e trauma histórico de forma condensada. A ausência de explicações detalhadas sobre as circunstâncias do incêndio na casa dos Hanlon replica a maneira como muitos crimes racistas reais permanecem sem explicação, tornando a história mais verossímil. Enquanto a minissérie de 1990 omite essa

camada histórica, a versão de 2017 demonstra como algumas obras passaram a incorporar traumas sociais complexos, como racismo e opressão, como elementos narrativos centrais.

O humor de Richie Tozier serve como um mecanismo de defesa para esconder suas inseguranças e medos. Pennywise explora isso ao manifestar-se para ele, um medo que parece contradizer sua personalidade extrovertida. A adaptação de 2017, ao sugerir de forma mais aberta as inseguranças de Richie se alinha à ideia de Hutcheon sobre a nostalgia como confronto do reprimido, onde o passado "seguro" da infância é subvertido pelo retorno do trauma.

Considerações finais

A análise comparativa das adaptações de *It* (1990 e 2017) demonstra que o cinema de horror contemporâneo tem evoluído significativamente na forma como explora os medos psicológicos e emocionais. Essa transformação vai além dos sustos convencionais, propondo-se a explorar traumas individuais e fobias, utilizando-os como gatilhos para intensificar a experiência do espectador. Tal evolução não apenas reflete avanços tecnológicos e estéticos, mas também uma maior conscientização sobre questões de saúde mental e emocional, que passaram a ocupar um espaço central nas narrativas audiovisuais.

O horror psicológico, desde suas origens, sempre buscou representar medos internos, como a alienação e a dualidade humana. No entanto, nas últimas décadas, esse gênero aprofundou-se na exploração de traumas e fobias, tornando-os o cerne das narrativas, como exemplificado em *It*. Enquanto a minissérie de 1990 priorizava uma atmosfera sugestiva e menos explícita, o filme de 2017 utiliza efeitos visuais avançados e uma narrativa mais visceral para materializar esses medos, criando uma conexão emocional mais intensa com o público. Essa pesquisa aponta como o gênero aborda as vulnerabilidades emocionais e psicológicas dos personagens, transformando conflitos internos em elementos centrais do terror. Obras como *Stranger Things*, *Doutor Sono*, e outros filmes como *Hereditário*, *O Babadook* e *Midsommar*, ajudam a reforçar essa tendência, onde o medo não está apenas no que espreita nas sombras, mas no que já habita a mente dos personagens.

O cinema de horror contemporâneo tem se revelado um terreno fértil para a crítica social, especialmente no que diz respeito ao racismo estrutural e às desigualdades sistêmicas. Filmes como *Nós*, *Corra!* e *Parasita* reposicionam o horror como um espelho

das tensões raciais e de classe, transformando o medo em uma ferramenta de análise política. Essas obras forçam o espectador a um confronto incômodo com suas próprias cumplicidades estruturais, onde o horror reside no reconhecimento doloroso de que as dinâmicas retratadas são extensões amplificadas de relações sociais já presentes no cotidiano. *Parasita*, em particular, constrói um horror visceral e estrutural, expondo as dinâmicas de classe e a luta por dignidade que se transforma em pesadelo, convidando o espectador a reconhecer sua própria posição nesse sistema. O verdadeiro susto não está nas fachadas, mas na compreensão de que o "parasitismo do título não é exceção, mas a regra de nosso sistema econômico".

As contribuições deste estudo demonstram como o horror psicológico contemporâneo opera como um espelho das ansiedades sociais, utilizando narrativas pessoais para discutir questões universais. A pesquisa destaca a importância das adaptações audiovisuais como reinterpretações criativas que refletem o contexto histórico e tecnológico de sua produção. A figura de Pennywise exemplifica a evolução no reconhecimento de traumas e fobias; enquanto em 1990 mantinha uma estética mais tradicional, em 2017 assume uma aparência grotesca e perturbadora, refletindo as ansiedades modernas e a ressignificação cultural da figura do palhaço como entidade sinistra. A exploração de fobias específicas, como a coulrofobia, demonstra como o cinema contemporâneo utiliza elementos familiares para gerar desconforto, corroborando a noção freudiana do *unheimlich* — o estranho que emerge do cotidiano.

Além disso, a nostalgia desempenha um papel crucial nessas narrativas, funcionando como uma ponte entre o passado e o presente. Ao ambientar a história em décadas específicas, a obra não apenas evoca memórias afetivas, mas também subverte essa nostalgia ao associá-la a traumas reprimidos, criando uma tensão entre o reconfortante e o perturbador, amplificando o impacto emocional do horror.

Por fim, este estudo aponta que o horror contemporâneo não substitui os elementos tradicionais do gênero, mas os complementa e os enriquece, integrando aspectos psicológicos que tornam o medo mais complexo e personalizado. Ao incorporar fobias individuais e promover uma experiência de nostalgia subvertida, o cinema de horror redefine a construção do medo no audiovisual. O verdadeiro terror reside não apenas no monstro externo, mas nas feridas internas que ele pode revelar, com a nostalgia operando como mecanismo de engajamento crítico que situa o espectador em uma zona limiar entre o conforto do passado idealizado e a repulsa do trauma reprimido,

materializando o *unheimlich*. Dessa forma, o cinema de horror consolida-se como um espaço privilegiado para a reflexão sobre as cicatrizes humanas, oferecendo não apenas sustos, mas também a oportunidade de identificar e confrontar os medos mais profundos.

Referências

CHERRY, B. **Horror**. Routledge Film Guidebooks. New York: Routledge, 2009.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUTCHEON, L., & VALDÉS, M. J. **Irony, Nostalgia, and the Postmodern: A Dialogue**. Poligrafías. Revista De Teoría Literaria Y Literatura Comparada, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.unam.mx/index.php/poligrafias/article/view/31312>
Acesso em: 18 nov. 2024.

HUTCHEON, L. **Irony, Nostalgia, and the Postmodern**. In: Methods for the Study or Literature as Cultural Memory, Studies in Comparative Literature, n. 30, p. 189-207, 2000.

HUTCHINGS, P. **The Horror Film**. Essex/UK: Pearson Education Limited, 2004.

MILICI, M. (org.). **Medo de Palhaço: a enciclopédia definitiva sobre palhaços assustadores na cultura pop**. São Paulo: Évora, 2016

SCHNEIDER, S. J. **Horror film and psychoanalysis: Freud's worst nightmare**. Cambridge University Press, 2009.

SCHNEIDER, S. J. **Monsters as (Uncanny) Metaphors: Freud, Lakoff, and the Representation of Monstrosity in Cinematic Horror**. Other Voices, v.1, n.3 (January 1999). Disponível em: <https://www.othervoices.org/1.3/sschneider/monsters.php> Acesso em: 15 de mar. 2025.